Prefácio a Gelsom Rozentino de ALMEIDA - História de uma década quase perdida. PT, CUT, crise e democracia no Brasil, 1979-1989. Rio, Garamond, 2011. pp. 11-15. ISBN – 978-85-7617- 221-5

**Democracia e socialismo no Brasil – na contramão**

Virgínia Fontes

O processo histórico brasileiro nas últimas três décadas, iniciando-se a contagem a partir de 1979, é extremamente complexo, com momentos vertiginosos, fascinantes ao lado de outros irritantemente repetitivos. Para nós, cuja tarefa e vocação é analisar, observar e perscrutar as grandes linhas históricas e suas variações, os tempos recentes às vezes parecem condensar processos experimentados em outros países e latitudes que viveram experiências similares, porém neles isso ocorreu em ritmos mais lentos e demorados; outras vezes, nos deparamos com situações que acenaram aqui possibilidades de mudanças radicais de rumo, extremamente originais; outras tantas, sempre no mesmo período, a história pareceu congelar-se, cristalizar-se na mesmice tradicional para, em seguida, apresentar formatos estranhos, não esperados, onde o novo se mesclava de maneira peculiar com o tradicional e o já conhecido.

A rigor, nossa história recente nem inaugurou mudanças radicais nem se congelou – a

experiência histórica brasileira integrou politicamente os procedimentos eleitorais regulares, fortemente marcados pelos altíssimos custos das campanhas e pelo crescente compromisso entre candidatos, grandes financiadores e marqueteiros, a eles subordinando a nossa recente democracia.

Inaugurou políticas focalizadas, porém generalizadas, de redução da miséria; avançou celeremente na escala da concentração de capitais e no século XXI exibe um crescente grau de transnacionalização de empresas de base brasileira. Se, de certa forma, nossa história retomou com perfil próprio e percurso acelerado a social-liberalização que atingiu diversos países, isso representou simultaneamente um avanço e um recuo, num percurso bastante tortuoso.

Na pena de Gelsom Rozentino de Almeida, a história é um processo tenso, composto de

inúmeras lutas e explicações sobre elas, cuja resultante é mais surpreendente do que os relatos e manchetes que procuram condensar um longo percurso em curtas – e repetidas – frases. A suposição de que a década de 1980 tenha sido 'perdida' faz parte dessas frases banalizadas pela grande imprensa e repetidas incessantemente. No entanto, este país viveu nos anos 1980 uma das décadas mais ricas de intensas e variadas lutas sociais, tão importantes e fulgurantes que produzem efeitos ainda no século XXI.

Essa década, rica de promessas, envolveu características novas na história brasileira, com a constituição de entidades populares de âmbito nacional que, apesar de não receberem imediatamente unção legal, contavam com tamanha legitimidade popular e com extensa base social, que nenhuma intimidação era mais capaz de fazê-las recuar. E, é bom que se lembre, não faltaram intimidações, vigorando ainda na década de 1980 uma Constituição que fora desfigurada pela ditadura civil-militar. Permaneciam não só a truculência ditatorial, como se reforçavam os mecanismos de dissuasão através da grande imprensa proprietária, que ecoava incessantemente ameaças oriundas dos meios militares, recheando-as ainda de todo tipo de horizontes catastróficos caso as organizações populares vingassem. Este livro apresenta cuidadosamente o debate sobre o teor da transição, sobretudo no aspecto (e no debate) econômico, mas incorpora a dimensão política e institucional na qual nasceram novas organizações populares de âmbito nacional, promissoras porém frágeis.

Mas elas vingaram. Nasceram, então, um partido nacional com sólido apoio popular – o

Partido dos Trabalhadores –; uma Central Sindical (CUT) que se propunha autônoma frente ao patronato e ao Estado e cujas bases, de composição extremamente variada no amplo espectro nacional, lutaram bravamente para implantar uma novo formato de auto-organização pela base e para alterar as formas legais que reproduziam sua subordinação frente ao Estado; e, finalmente, um movimento social do campo que, lutando pela Reforma Agrária, pela primeira vez, alcançava uma organicidade também nacional, o MST-Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

A importância da criação dessas organizações mudou a face desse país. Doravante, deveriam ser levados em consideração não apenas os aparelhos privados de hegemonia do grande capital, cujo desenvolvimento sempre contou com fartos recursos próprios e com o apoio governamental aberto e recursos públicos, mas precisavam ser, ao menos ouvidas, também essas novas entidades e organizações de origem popular.

O livro que o leitor tem nas mãos acompanha, como resultado de enorme esforço de

pesquisa, o percurso inaugural de duas dessas organizações, a CUT e o PT. Apesar de suas origens populares, nem sempre, porém, tais organizações atuaram na direção que, nesses primórdios, as movia em direção a assegurar transformações radicais na sociedade brasileira. Três ordens principais de razões podem ser indicadas: na primeira, a emergência de setores populares em luta por transformações substantivas na vida social brasileira se defrontaria com um rearranjo das próprias formas de dominação, sobretudo no terreno social e cultural. As lutas de classes não ocorrem em terreno baldio, no qual a luta popular possa construir um mundo novo apenas a partir de suas próprias características. Os setores populares devem enfrentar remodelações e

deslocamentos, mais ou menos velados, operados pelos grupos que tradicionalmente acumulavam poder e mando, tanto econômico, quanto social e político. A segunda ordem de razões para inflexões nos propósitos originais é de escopo internacional. Embora criadas e formuladas internamente, as novas entidades populares eram (e continuam a ser) sensíveis às transformações internacionais, que ora atuam no sentido de impulsionar novas lutas, ora no sentido inverso, de apresentar como inúteis quaisquer esforços de transformação. Esse foi o caso resultante da ascensão da mal chamada “globalização' e do neoliberalismo (que apregoava que “não há alternativa”) em paralelo à crise e derrocada das experiências resultantes de grandes processos revolucionários, iniciada em 1989 com a queda do muro de Berlim e concluída com o fim da União Soviética, no início da década de 1990.

É da terceira ordem de razões – que incorpora as duas outras ordens – que trata este livro. Me refiro às opções diversas e aos combates internos a tais entidades; aos projetos e intuitos formulados e defendidos pelos diferentes grupos que se constituíram no interior das próprias organizações populares. Não estavam isolados do mundo, não eram isentos das influências dos setores dominantes internos, brasileiros, ou dos influxos das condições internacionais. Não respondiam automaticamente a tais influências, entretanto. Havia uma história longa de lutas populares, buscando – como insistiu Florestan Fernandes – uma revolução que desse voz à classe trabalhadora, revolução contra a ordem, mesmo quando se limitava a ser uma 'revolução na ordem', tamanho o bloqueio histórico à sua manifestação.

Originada na conjunção das reivindicações pelo socialismo e pela democracia (compreendidas como a produção efetiva da igualdade social e a superação do autoritarismo), a década de 1980 expressa uma ferrenha luta para manter indissociáveis tais conquistas. Aos poucos, entretanto, um divórcio entre os dois pólos se constituía e se aprofundaria.

Essa questão é o nervo pulsante deste livro. De que forma se uniram tais reivindicações?

Como e porque, pouco a pouco, se separaram? Quais foram os seus caminhos e descaminhos? Em

que momentos se produziram amálgamas ideológicos peculiares, tingidos de pragmatismo, que

separaram ao invés de manter unificada a plataforma que havia dado nascimento a essas duas

entidades e configurado uma forma peculiar de organização e de lutas?

Foi procurando acompanhar alguns dos mais importantes meandros dessa trajetória, que

atravessavam os então recém constituídos Partido dos Trabalhadores e a Central Única dos

Trabalhadores, que Gelsom construiu esta pesquisa, num generoso afã de abraçar a maior parte

possível dos argumentos, das tensões, dos projetos e das muitas teias jogadas por alguns, nas quais

tantos outros se enredariam nas décadas seguintes. Neste trabalho, o autor não julga o PT e a CUT

pela sua configuração atual, mas analisa um momento fundamental, no qual estavam em liça

definições e propostas cruciais para os rumos subsequentes da história do Brasil.

Gelsom é um grande amigo e este prefácio é mais um dos muitos momentos de nossos

encontros, que certamente continuarão vida afora. A tese da qual resultou este livro, defendida na

Universidade Federal Fluminense, foi a minha primeira experiência na orientação de doutorado.

Poucos são aqueles que, como eu, tiveram a felicidade de encontrar alguém como Gelsom

Rozentino de Almeida para esse enorme, complexo e recíproco aprendizado, o de trabalhar,

pesquisar, discutir e avançar juntos numa formação doutoral. Este livro, como a pesquisa realizada,

é integralmente de Gelsom, responde a suas próprias inquietações, demonstra a sua enorme

investigação documental e bibliográfica. Mais do que isso, este livro (como a tese), ecoa a própria

experiência vivida de Gelsom, apresentada de maneira documentada, refletida, pensada, analisada.

A estreita e longa relação durante sua confecção resulta na felicidade de acompanhar o processo de

expressão da maturidade de um historiador.